

A TRISTE PARTIDA DO SERTÃO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro é inspirado na música A Triste Partida do famoso cantor, conhecido como o Rei do Baião, Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré, pseudônimo de Antonio Gonçalves da Silva, compositor, poeta e improvisador. O livro conta a história do menino Zefinho, um pequeno sertanejo, que vê sua família sofrer as agruras da seca no Nordeste. Mas, ele era uma criança feliz e gostava de sua casa, dos animais que criavam, brincar na área seca do seu enorme quintal, ouvir o canto dos pássaros, admirar o céu azul, o luar e as estrelas. Mas, seu pai se viu forçado a vender o pouco que tinha e tentar a vida em São Paulo. A seca já durava meses e ele não via como sustentar mais a família. Mas, na cidade grande, tiveram que se sujeitar a morar em uma favela, ganhar pouco e continuar passando por grandes dificuldades. Mas, devendo e sem recursos para voltar, o sertanejo e sua família sofriam e tinham saudades de sua Terra Natal, nutrindo um sonho, cada vez mais distante, de um dia voltar. Zefinho, antes um menino feliz e de sorriso fácil, sofria com sua família o mesmo drama social.

João José da Costa

A triste partida do sertão, por João José da Costa

Direitos autorais reservados. FBN-MEC Registro 586.049 - Livro 1120 - Folha 350

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Zefinho, filho de Donana e Seo Januário, nasceu em uma pequena cidade de Pernambuco.

Batizado Zeferino Vaz da Silva, depois apelidado simplesmente Zefinho.

O sorriso era a sua marca tradicional, forma como Zefinho demonstrava que era feliz e estava contente com tudo.

Zefinho morava em uma casa que adorava. Era feita de paredes de barro colado a pedaços de paus e com telhado de folhas de coqueiro.

O chão era de terra varrida. A casinha de Zefinho, muito conhecida como casa de pau-a-pique, tinha uma cozinha e dois cômodos, um era o seu quartinho e de sua irmãzinha Severina e o outro de Donana e Seo Januário.

Do lado de fora ficava o banheiro, perto do curral de seis cabras, o bode Barbicha e da casinha de Malhado, o seu cachorrinho.

A cozinha tinha um fogão à lenha, uma pequena pia com um tambor de água e uma torneira. Seu pai enchia de água o tambor toda a vez que sua mãe queria lavar a louça. O esgoto da pia corria diretamente para o quintal do lado de fora, fazendo a festa do galo Coró e de quinze galinhas, quando encontravam raros restos de comida.

O banheiro foi o próprio Seo Januário que fez, aliás, como fez toda a casa de Zefinho. O banheiro não tinha porta, era feito de pedaços de troncos de árvores unidos por cipós e sem teto. No chão havia um buraco fundo com uma tampa de madeira para apoio dos pés. Quando Zefinho queria usá-lo, tinha que ficar de cócoras.

Zefinho gostava de tudo que estava à sua volta. A casa ficava no agreste pernambucano, zona seca e de pouca vegetação. Assim, Zefinho tinha muita areia para brincar de fazer montes ou simplesmente rolar com o seu cachorro Malhado. Malhado tinha este nome pelas manchas marrons em seu pelo branco, amarelado pela areia e pela falta de banho.

Zefinho passava o dia correndo pelo quintal da casa, quintal imenso, sem cerca, um quintal que não tinha fim. Não havia muitas casas próximas à casa de Zefinho. Assim, ele não tinha muitos amigos com quem brincar.

Às vezes, Zefinho se aventurava pelo mato seco, tomando cuidado de não se machucar nos espinhos dos inúmeros cactos, chamados de macaxeiras, e corria, sempre rindo, atrás de répteis e pombas do mato.

Quando se sentia muito só ou perdido, chamava por Malhado que vinha em seu socorro. Eram grandes amigos.

Sua irmã Severina, mais velha, tomava conta do bode Barbicha e das seis cabras, recebidas de presente do pessoal do governo. As cabras pastavam bem no mato seco e já conheciam toda a rotina. Quando Severina não estava com as cabras, elas sabiam voltar sozinhas para a casa. E Severina tinha um gato de estimação, o Miaumiau.

A cada manhã, Donana ordenhava o leite das cabras para o delicioso café da manhã que Zefinho gostava de comer e que comia todo o dia - broa de milho e leite de cabra.

Toda a comida da família era preparada por Donana com as plantações feitas pelo Seo Januário - milho, feijão e mandioca e com alguns alimentos comprados na vendinha de Seo Antônio, que ficava muito longe da sua casa.

Zefinho gostava de sua comida diária. Além da broa de milho e leite de cabra, Zefinho tinha no almoço feijão e farinha de mandioca, que devorava com grande satisfação. Aos domingos, Donana conseguia cozinhar alguns pedaços de galinha. Era o dia mais esperado de Zefinho. Como era gostoso comer um pedaço de galinha assada no fogão a lenha.

A maior alegria de Donana e Seo Januário era o sorriso de Zefinho a cada manhã.

Sonolento e meio tonto, saía de sua cama à procura de seus pais logo cedo, quando o sol ainda não tinha nascido.

Acordava com o barulho na cozinha feito por Donana, enquanto preparava alguma coisa para eles levarem para comer no trabalho. Seus pais saíam bem cedo e voltavam ao final da tarde, de segunda-feira a sábado.

Antes do sol se por Seo Januário cuidava da lavoura de milho, feijão e mandioca, com muito carinho. Severina, aos doze anos de idade, cuidava da limpeza da casa, lavagem da roupa e tomava conta de Zefinho, então com oito anos de idade.

O trabalho de Zefinho era um só, além de brincar - buscar água em uma cacimba, tipo de um poço, localizada a 1500 metros da casa. Zefinho carregava duas latas presas em cada extremidade de um pau, que apoiava em suas costas. Precisava fazer isto duas ou três vezes por dia.

O restante do dia Zefinho brincava com Malhado, dormia, saía pelo mato afora, sempre rindo e feliz. À tarde, postava-se no caminho, deitado na barriga de Malhado, para aguardar Donana e Seo Januário voltarem do trabalho. E lá vinham eles, invariavelmente, no mesmo horário e pelo mesmo local, todos os dias. Daí para frente, era só alegria e festa para Zefinho.

Enquanto o seu pai ia cuidar da lavoura, Zefinho ficava ao lado de Donana no fogão a lenha, conversando, perguntando, rindo bastante, enquanto ela preparava o feijão e a mandioca para o jantar.

Zefinho percebia o semblante cansado e envelhecido de Donana, mas procurava ajudar conversando e rindo para ela, olhando fixo para os seus olhos com uma ingênua e infantil profundidade.

Zefinho adorava sua casa. À noite, podia ver as estrelas e a lua através dos buracos no telhado feito com galhos secos de coqueiro. Seu pai falava que tinha que consertar o telhado. Isto seria feito quando os coqueiros tivessem galhos secos.

Mas, Zefinho torcia para que ele não encontrasse os galhos de coqueiro. Ele preferia dormir contando as estrelas e admirando o brilho da lua.

O único problema era quando chovia. A chuva molhava por dentro da casa, fazia lama no chão do quarto e molhava o colchão onde Zefinho dormia.

Quando isto acontecia, ele procurava o canto mais seco do colchão e adormecia. No dia seguinte, o sol secava a palha de milho do colchão de Zefinho e tudo voltava ao normal.

Afinal de contas, isto não acontecia todos os dias. Zefinho achava engraçado ver o barro seco que ficava preso entre os dedos dos seus pés descalço.

A maior riqueza da família eram as 18 cabeças de gado que o Seo Januário tinha, além do burro, do jumento e do cavalo. Além da horta, ele dedicava a maior parte de seu tempo e trabalho para conseguir água e comida para o rebanho.

Quando caía um pouco de chuva, o pasto ficava verde e o gado engordava e dava mais leite. E a venda do leite no vilarejo e para os vizinhos era a maior renda que a família de Zefinho tinha.

Zefinho vivia sua infância nesta gostosa rotina, esperando um dia começar seus estudos na escolinha do vilarejo. Sua irmã Severina já estava cursando a quinta série e sabia ler e escrever muito bem.

Severina gostava de dar aulas para Zefinho. Assim, quando ele começasse seus estudos, já saberia ler e escrever alguma coisa.

Seo Januário dizia para Zefinho que no início do ano, ele também iria para a escola, sem falta.

Mas, Zefinho sentia seu pai cada vez mais triste e preocupado. À noite, após o jantar, seu pai costumava sentar-se ao lado do fogão a lenha, enquanto sua mãe jogava um pouco água nos pratos e panelas.

Os dois gostavam de conversar e ouvir o rádio de pilha, antes de se recolherem para dormir. Na casa não havia, ainda, energia elétrica. Mas, os postes estavam próximos e, um dia, a casa de Zefinho também teria energia elétrica.

Em uma destas noites, Zefinho, já recolhido em sua cama, ouvia o seu pai conversar com sua mãe:

- Donana, eu vou ter que me desfazer de boa parte do gado. As vacas estão cada vez mais magras. A chuva demora, o pasto está seco, não estou conseguindo dar a água e comida que eles precisam para viver.

- Calma, Januário, o inverno está chegando. O mandacaru já está florindo lá na serra. É um sinal que a chuva chegará no sertão logo, logo.

Zefinho via que seu pai marcava com um X cada dia que passava, no calendário dado pela igreja.

- Pai, o que é esta marca com X que o senhor faz no calendário? Perguntou Zefinho.

- Zefinho, eu estou contando os dias sem chuva. E, cada dia, eu rezo para que ela venha logo e salve nossa horta e nosso gado! Respondeu seu pai.

Zefinho achou engraçada esta marcação de seu pai e todo dia ele olhava o calendário e via que o X cobria, cada vez mais, os dias do mês.

E seu pai entrava em desespero!

- Meu Deus! Meu Deus! Setembro passou, Outubro e Novembro. Já estamos em Dezembro. Meu Deus, o que será de nós? Dizia seu pai.

A seca estava cada vez pior. A água da cacimba havia se acabado. A família dependia agora da oferta de água de algum vizinho e do caminhão pipa da prefeitura.

Das 18 cabeças de gado, 8 morreram de fome e sede. Restavam 10 vacas, que Seo Januário alimentava com a palma colhida na caatinga e alguma água barrenta que conseguia, às vezes, encontrar.

E passou a ser rotina na vida de Zefinho ouvir os lamentos de seu pai:

- Meu Deus! Meu Deus! O Senhor não nos abandone!

Assim pedia o pobre Januário, vivendo no seco Nordeste, com medo da peste e da fome feroz.

Zefinho continuava sua vida de criança. Brincava na areia cada vez mais seca e com Malhado, cada vez mais magro. E Zefinho sentia que seus pais estavam acabando com a criação. Somente algumas cabras e galinhas continuaram na casa. Das vacas, só restavam 5. Todas as demais morreram e seus ossos marcavam seu sofrimento no pasto seco.

Mas, Zefinho sabia que o seu pai não venderia o burro, o jumento e o cavalo, não. Eles eram muito úteis para levar Severina e Zefinho na escola do vilarejo, além de ajudar puxar água e carregar palma para o gado.

- Donana, o Seo Fernando Português está me convidando para trabalhar na salina, pegar pedras de sal. Eu acho que vou aceitar! Disse Seo Raimundo em uma noite.

- Vá, Januário. Faça uma experiência! Incentivou Donana.

Zefinho sentia a falta de seu pai nos dias que ele ia trabalhar na salina. E Zefinho notava que ele vinha muito cansado e com as mãos sangrando do sal.

Um dia, Seo Januário perdeu sua crença e desistiu deste trabalho. Não deu certo. Além de se expor ao sol forte durante todo o dia, a paga não dava nem para a comida do dia.

- Se chovesse um pouco, o rio faria barra e eu poderia ajudar na construção das casas com o barro molhado! Dizia o Seo Januário com gosto, se agarrando em outra esperança de trabalho.

O som da cigarra se ouvia na copa da mata. Isto deveria ser um sinal de chuva. Mas, a barra, que seria formada pelas chuvas próximas do Natal, não aconteceu, pois chuva não veio.

Zefinho começava a entender e ficar triste com o sofrimento de seu pai. O Sol bem vermelho nascia todos os dias e tudo queimava.

Zefinho via seu pai marcar com X todos os dias de Dezembro. Sem chuva na terra, descamba Janeiro, depois Fevereiro. E o mesmo verão continuava ainda mais quente.

- Meu Deus! Meu Deus! O que será feito de nós? Lamentavam, em angústia, Seo Januário e Donana.

- Donana, isso é castigo! Não vai chover mais não! Dizia Januário.

- Vamos esperar Março, Januário. É o mês de São José. O Santo há de nos ajudar e trazer chuva. Respondia Donana, procurando consolar e dar um pouco de ânimo ao Seo Januário.

Zefinho já mudara sua rotina. Logo de manhã, mesmo antes de tomar seu café, ele corria para o quintal e olhava para o céu. Mas, nada de chuva!

E, em uma destas manhãs, ele ouviu de seu pai:

- Donana, está tudo sem jeito. Me fogue do peito o resto da fé! Precisamos seguir outra trilha, outro caminho.

E Zefinho ouviu o que não queria nunca ouvir. Reunindo a família, seu pai disse:

- Meu Deus! Meu Deus! Eu vendo meu burro, meu jumento e o cavalo. Nós vamos a São Paulo, viver ou morrer.

- Mas, o que você está dizendo homem? Disse Donana, surpresa.

- Nós vamos a São Paulo que a coisa está feia! Por terras alheias nós vamos vagar. Meu Deus! Meu Deus! Se o nosso Destino não for tão mesquinho, para o nosso cantinho nós tornamos a voltar.

E Zefinho viu com tristeza seu pai vender o burro, o jumento, o cavalo e as cabeças de gado que restaram. Até mesmo o galo eles venderam também.

- Meu Deus! Meu Deus! Dizia Zefinho baixinho.

E logo apareceu um feliz fazendeiro que, por pouco dinheiro, compra de seu pai tudo o que ele tem.

Zefinho sentia que sua vida mudaria para sempre. Ele sentia que deixaria a casa, seu quintal, sua areia fofinha para brincar em poucos dias. E lamentava que nem a escolinha do vilarejo ele chegou a conhecer!

Uma manhã, bem cedo, um caminhão encostou na casa de pau a pique. Em sua carroceria embarcou toda a família. Chegou o triste dia da partida. Já vão viajar. A seca terrível, que tudo devora, bota todos para fora da terra natal.

O caminhão corre no topo da serra. Da carroceria, sentados em bancos improvisados, segurando em um pau para não caírem, Seo Januário, Donana, Severina e Zefinho olham para a terra, seu berço, seu lar. Estes nortistas, partidos de pena, de longe acenam dando adeus ao lugar.

No dia seguinte, todos já estavam cansados. E o caminhão embalava a correr veloz. Seo Januário, tão triste, coitado, falava saudoso com seu filho. E Zefinho, choroso, dizia:

- Pai! Estou com pena e quase morro com saudades de Malhado. Quem vai dar comida para ele?

E Severina, igualmente chora em lamento:

- Mãe Donana! E Miaumiau? Coitado, deve estar lá com fome e sem trato. Pobrezinho, será que vai morrer?

- Vai não, Severina. Gatos e cachorros sabem caçar e por lá tem muitos ratos e lagartos! Miaumiau e Malhado vão se dar bem! Respondia Donana, procurando acalmar Severina e Zefinho.

E a linda pequena, tremendo de medo, falou:

- Mãe! E meus brinquedos? Meu pé de flor? Meu pé de roseira, coitado, sem chuva ele vai secar. E minha boneca, também lá ficou!

E, assim, a família ia deixando, com choros e gemidos, o céu lindo e azul de sua terra natal.

O Seo Januário, pesaroso, ia pensando em seus filhos, enquanto o caminhão rodava rumo às estradas do Sul.

Finalmente, os retirantes chegaram à cidade de São Paulo. Foram deixados pelo caminhoneiro próximos a um grande centro de distribuição de produtos agrícolas.

Eles chegaram sem nenhum dinheiro no bolso e a primeira preocupação de Januário foi encontrar um lugar para a família passar a noite. No dia seguinte, ele iria à procura de um patrão.

A noite já estava chegando e o único lugar que encontraram foi um espaço debaixo de uma das pontes da grande cidade.

Com madeiras e papelão, encontrados com facilidade ao redor do centro de distribuição de produtos agrícolas, Januário improvisou uma pequena tenda e lá a família se acomodou.

Todos olhavam em volta o movimento da cidade grande. Tudo era estranho e diferente. Só viam caras desconhecidas, o ar pesado de fumaça, carros e caminhões por todos os lados.

- Meu Deus! Meu Deus! Como tudo é diferente de nosso querido torrão! Exclamava Donana.

Cansados da longa viagem, a família conseguiu dormir pesado, um se protegendo no outro dentro da pequena tenda. Assim, chegou a manhã do dia seguinte. E eles tiveram uma surpresa. Ao lado da tenda improvisada, eles encontraram algumas frutas, pão, leite, um pacote de biscoito, entre outras coisas de comer.

- Alguém enviado por Deus nos deixou estas bondades! Disse Januário.

E isto se repetiu por mais alguns dias. Apesar da frieza de uma cidade grande, ainda se encontrava pessoas anônimas com corações gentis e generosos, que se condoíam com o drama do nordestino que chegavam à cidade São Paulo.

O pobre e acanhado Januário saía bem cedo à procura de um emprego. Finalmente, ele conseguiu emprego em uma construtora como Servente.

O salário não era alto, mas dava para comprar a comida que sua família precisava.

Zefinho, sentia muita falta de sua casa na pequena cidade de Pernambuco. Ele não tinha mais o grande quintal para brincar, com muita areia. Quintal tão grande que ia até o pé da montanha. Ele perdeu seu sorriso. Para se distrair, brincava com tampinhas de garrafas e refrigerantes que encontrava pelo local. Mas, ficava preso debaixo da ponte o dia todo.

Em uma favela próxima, Januário encontrou um pedaço de terreno livre para erguer seu barraco. Tábuas não faltavam nas imediações do grande centro de distribuição de produtos agrícolas.

Sair debaixo da ponte para ir para sua casinha de madeira na favela já era algo muito bom para toda a família.

Na favela, Januário, Donana, Severina e Zefinho começaram uma nova vida em São Paulo.

As dificuldades eram muitas. Mas, eles procuraram se animar com a água que jorrava da torneira, com a luz elétrica. Depois que Januário conseguiu comprar uma pequena televisão em prestações, a família se encantou ao ver pessoas falando e se movimentando dentro daquela caixa eletrônica. Zefinho achava graça ver a luz acender e apagar com o toque de seu dedo no interruptor.

Severina e Zefinho gostavam muito dos desenhos animados e Donana aprendeu acompanhar as novelas diárias.

As notícias da televisão assustavam a todos. A violência era muito grande.

Ao invés da areia seca para brincar, Zefinho só encontrava barro, lixo e um córrego com água verde que atravessava a favela.

Assim, com o passar dos dias, o entusiasmo por estas novidades diminuiu.

Um dia, Zefinho dizia para sua mãe:

- Mãe, aqui neste São Paulo não é melhor, não! Não temos nossa criação, não ouvimos os cantos dos pássaros, não temos mais nosso quintal, não vemos mais o lindo céu azul. Aqui, mãe, não é melhor não!

Donana, com o coração apertado, procurava consolar e animar as crianças:

- Zefinho, Severina, nós estamos aqui por pouco tempo. Logo, teremos uma casinha melhor, seu pai terá um emprego com um salário maior, poderemos comprar tudo que precisarmos. Tudo vai melhorar, tudo vai melhorar...

E Donana procurava esconder seu rosto angustiado e assustado, além das lágrimas que caíam de seus olhos. No fundo de seu coração, ela sentia que Zefinho tinha razão!

Assim, Januário trabalhou dois anos, três anos e mais um ano. E sempre tinha planos de um dia voltar.

- Meu Deus! Meu Deus! Será que um dia vou conseguir voltar? O Senhor há de me ajudar! Pedia Januário.

Mas, nunca ele pode voltar. Só vivia devendo e, assim, foi sofrendo. Era um sofrer sem parar.

Se alguma notícia da banda do Norte, ele tinha a sorte e o gosto de ouvir, lhe batia no peito uma saudade forte e as lágrimas dos olhos começavam a cair.

Cada vez mais, Januário vivia afastado do seu mundo, sentia-se preso, sofrendo desprezo, devendo ao patrão e estabelecimentos comerciais, que começaram a lhe negar crédito.

E o tempo passava, vai dia, vem dia. E Januário e sua família sentiam que a volta para a Terra Natal era um sonho cada vez mais distante.

Distantes da terra, tão seca, mas tão boa, agora estavam expostos à garoa, à lama e a vida na favela.

Quem via e conhecia Januário, comentava:

- Meu Deus! Meu Deus! Dá pena ver o Nortista, tão bravo e tão forte! Vivia com o escravo no Norte e veio viver como escravo aqui no Sul! Mas, será que não estaria melhor em sua Terra Natal?

Os anos que se seguiram foram de sonho e esperança de um dia voltar à terra natal...

FIM